

POR UMA POÉTICA PSICANALÍTICA – PULSÕES E MODOS DE APRESENTAÇÃO DO SOFRIMENTO CONTEMPORÂNEO

Lea Lubianca
Thormann ¹

1 Psicóloga, psicanalista e poetisa.
Membro titular do CEPdePA.
Membro graduado da Sociedade
Psicanalítica de Porto Alegre.
Baby Observer Trainer - Método
Esther Bick. Desenvolver a clínica
psicanalítica com pais, bebês,
adolescentes e adultos. lea.
lubianca@gmail.com

Comecei a organizar a minha fala de hoje, sob o impacto da leitura do recém-lançado *Masculinidade em Cena – O discurso pulsional psicanalítico*, de Ana Cássia Fruett, nossa querida colega do CEP, que vive e trabalha como psicanalista há doze anos em Fortaleza. Não pretendo dar *spoiler* do livro – recomendo à vocês fortemente a leitura - mas quero pontuar algumas passagens que convergem com o que venho pensando em torno dos ideais e que agregam interrogantes que estão fertilizando o meu pensar. Pensar nos ideais nos remete à dilemas sustentados na pós-modernidade em torno do lugar do psicanalista e do futuro da psicanálise. Um deles, que considero central é a questão de uma transição da oposição entre ciência e arte – característica da modernidade, quando a psicanálise foi criada por Freud, para a consideração, a partir da epistemologia “que a arte é indispensável à descoberta científica” ... “A arte leva-nos à dimensão estética da existência... – a vida imita a arte - ela nos ensina a ver o mundo esteticamente, conforme nos diz Morin (2010, p.45 apud Fruett, 2021 p.18) “Trata-se enfim, de demonstrar que, em toda a grande obra, de literatura, de cinema, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana”

Fruett (2021) nos lembra que Freud (1908) “considerava os autores criativos aliados valiosos na construção do conhecimento, pela capacidade de colocarem, em palavras, os mais profundos dramas humanos e permitirem o acesso a processos inconscientes, que se podem traduzir universais....apoiou-se em citações literárias, que além de dar ao seu texto um colorido estético, serviam para confirmar que o observado, na clínica, nada mais era do que a manifestação de algo inerente à natureza humana e já captado por artistas sensíveis, As análises que Freud realizou, de textos literários, fundamentaram muitos aspectos de sua teoria, como o conflito edípico, o narcisismo e, inclusive, o processo de criação.” (Fruett p.17)

A partir desta perspectiva, quero propor pensarmos a dimensão estética da psicanálise - da condição humana, em seus sofrimentos e recursos - e da sua relevância para tecermos os ideais da e na contemporaneidade. A propósito, estético, do grego *aisthetikós*, refere-se à algo “susceptível de percibir-se por los sentidos” (Corominas p.465) Já a poesia é definida como “aquilo que desperta o sentimento do belo” do latim *poesis* e do grego *póiesis* (Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, p.617)

O lugar do prazer na cultura está mais próximo do jogar, da surpresa, da imaginação e da criatividade do que do prazer narcísico e auto-erótico da satisfação das necessidades – Será assim na contemporaneidade?

Considero que as mudanças sócio culturais influenciam tanto a maneira das pessoas expressarem seus afetos – Roupagens afetivas (Thormann, 1998) quanto o próprio pensamento psicanalítico sobre o afeto.

As falhas no processo identificatório constitutivo do aparelho psíquico, podem desencadear espaços falhos para representar o mundo e dispor afetivamente destas representações (Thormann, 1998)

Em um artigo anterior – na virada do milênio (Thormann 1998) desenvolvi a idéia de que a nossa cultura denuncia hipertrofias das falhas identificatórias e de suas expressões – roupagens afetivas -, pensando, por exemplo, nos modelos de identificação que estão ao nosso alcance. Naquela época me parecia haver um significativo incremento do ideal narcisista de invulnerabilidade, perfeição e rapidez.

A vida pós-moderna e, em especial, a pandêmica - na transição para a pós-pandêmica - produziu e segue produzindo marcas profundas em nosso cotidiano, assim como a nível social incrementou e potencializou uma crise humanitária que era já vigente, tendo como principais características a perda de nossos ideais e referências, o amor líquido e o que chamo de ódio gasoso, as intolerâncias, a pós-verdade, as *fake-news* e a criação de falsos dilemas – como o da economia x saúde, ciência x arte/intuição, a leitura ideológica da saúde em detrimento da ciência, bem como as polarizações ideológicas e a cultura do cancelamento. Observamos também, desde um olhar psicanalítico, as patologias da intrusividade, assim como substituições frágeis e instáveis do seio que acalenta pelo seio que alimenta, de uma sensorialidade não transformada alavancando as mais incríveis versões da adição.

De outro ângulo, em resposta a progressão do trauma, há um movimento solidário significativo, tanto nas relações sociais quanto institucionais e, eu sublinharia o convite para nos outrarmos mais e nos eusarmos menos. *Outrar-se* inclui alteridade, empatia, tolerância e a possibilidade de albergar a diversidade.

Ironicamente, penso que um rápido olhar sobre o que os laboratórios farmacológicos andam produzindo possa nos dar uma pista tanto dos sofrimentos quanto dos ideais contemporâneos.

As pílulas da virada do milênio foram a da felicidade, da potência sexual e da juventude – e as da contemporaneidade, quais seriam?

Do ponto de vista do olhar psicanalítico sobre os sofrimentos contemporâneos, talvez estejamos diante do declínio da verticalidade – pensando por exemplo nas estruturas clínicas – para uma horizontalidade, onde cada vez mais se impõe um pensamento/olhar espectral, ou de núcleos de funcionamento mais regressivo combinados lado a lado com recursos psíquicos e saúde emocional.

Retomando algumas passagens do *Masculinidade em Cena - O discurso pulsional psicanalítico*, estudo rigoroso e criativo pautado no método ADL, destaco algo dito por Maldavsky – “os debates protagonizados pela sociologia referem a crise da autoridade e o declínio do mundo sólido para a sociedade líquida como a questão cultural contemporânea, afirmando que a transição de valores sugere que a neurose social do século XXI seja a de angústia, cujo ponto de fixação fálico uretral, tem como produto a urina, que, sendo líquida, evapora, se representando na liquidez da sociedade e da cultura pós-moderna.”, ao que Fruett complementa, os descritores da pulsão fálico-uretral se afinam com os emblemas da subjetividade da pós-modernidade” (p.108), portanto uma subjetividade fóbica

ca. E segue – a subjetividade da pós-modernidade é construída per *via di levare* – retirando os excessos. O espírito de nosso tempo é marcado por narrativas breves e não pelos tratados, expressando as transformações culturais, inclusive no próprio conceito de ciência. As narrativas breves e o discurso interrogativo marcado por enigmas e pela incompletude contrasta com o a narrativa do erotismo fálico-genital -que a antecedeu no tempo, marcada pelos exageros, adornos linguísticos e ilusão de completude. O erotismo fálico- uretral é minimalista e *clean*. E eu diria que cada vez mais precisamos da coragem de ter medo, que dignifica nossas experiências (Bergman e os diabinhos).

Assim os processos de identificação são marcados pela fluidez e transitoriedade e caracterizam-se pelo ‘em trânsito’, sendo o ideal a dignidade. Ainda, segundo Maldavsky (2000), a linguagem do erotismo uretral é a que melhor expressa as incógnitas e os enigmas da existência, como a sexualidade e a morte.

E meus interrogantes se expandem – qual seria o erotismo equivalente não neurótico da pós-modernidade? O da libido intrassomática? O corpo como palco do sofrimento contemporâneo – culto e fragmentação/ pulverização, adições e psicossomática?

Há uma espécie de náusea existencial pela falta de significado e simbolização das experiências que tem como desenlace a dramática manipulação defensiva do tempo e do espaço: viver enfiado ou alienado em algo ou alguém, colado e mimetizado com máquinas, jogos e séries, mais além a automatização da vida cotidiana e a banalização da violência.

O pacote da modernidade líquida e do ódio gasoso, com todos os seus aparatos tecnológicos e tempo fluido, associados ao mundo pandêmico – palco das identificações miméticas e das intrusividades, impõe ao ser humano um tempo externo à ele, afetando o seu tempo interno e subjetivo e, conseqüentemente o seu equilíbrio narcísico. Isto significa que a experiência da ilusão (Winnicott) – matéria prima da subjetividade e dos ritmos que singularizam o humano – é violada, afetando em especial, o criar, o acreditar e o esperar.

O tempo é senhor das delicadezas. O valor da transitoriedade anunciado por Freud - um clássico, que por definição, segue nos interrogando – é a floresta do psicanalista, sua ecologia afetiva.

Desafio os laboratórios a sintetizarem as pílulas do outrarse, da escuta, da empatia, da alteridade, da tolerância, da diversidade, da esperança, da capacidade de sofrer, da criatividade, de abrigar dúvidas e sustentar paradoxos, da dignidade.

Ideais artesanalmente tecidos, que fertilizam, criam significado, amparo e humanidade a um analista implicado no seu tempo e lugar.

Por uma poética psicanalítica, onde o imaginar, a incompletude, à receptividade ao inconsciente próprio e do outro cria a beleza e encontra a verdade no sentir, significar e transformar na experiência emocional. Onde criar na transitoriedade é método e meta, pois tudo o que vive tem uma morte albergada e tudo o que morre traz a esperança do novo.

Referências bibliográficas

- Fruett, Ana Cássia - Masculinidade em Cena – o discurso pulsional psicanalítico. Premium Editora, Fortaleza, 2021
- Corominas, A - Breve Dicionario Etimologico de la Lengua Castellana. Editorial Gredos, Madrid, 1998
- Cunha, Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. Editora Nova Fronteira, 1986
- Maldavsky, D – Lenguajes, pulsiones, defesas. Buenos Aires, Nueva Visión, 2000
- Morin, E – Ciência com consciência - 14 ed, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2010
- Thormann, Lea Lubianca – O Afeto e seus destinos na clínica atual – Revista do CEPdePA, Edição Especial, Março de 1999